

A MALETA DO DOUTOR SCLiar: INTERFACES ENTRE MEDICINA E LITERATURA

Teodoro Koracakis
UERJ

No estudo do *pidgin* acadêmico pode ser interessante analisarmos as interfaces entre medicina e literatura. Para isso nos debruçaremos sobre uma parte da obra do médico e escritor gaúcho contemporâneo Moacyr Scliar que utiliza como matéria-prima a experiência médica. Estudaremos então o seu pequeno romance *Doutor Miragem*, que pode ser fértil para esse tipo de análise.

Doutor Miragem, publicado em 1978, revisa a temática do primeiro livro de Moacyr Scliar, *Histórias de médico em formação* (1962), construindo-se através de uma montagem de fragmentos narrativos nos quais as duas personagens centrais se alternam e onde o passado forma o núcleo principal da história em oposição ao presente narrativo. As duas personagens centrais são o Doutor Felipe, médico, filho de imigrantes italianos de classe média, e Ramão, interiorano muito pobre, que beira a miséria quando deixa o campo. A narrativa caminha então em dois níveis: uma, o do tempo presente, ou simultânea, que coloca frente a frente as duas personagens, o médico como seqüestrado e Ramão como seqüestrador; e outra, a caminhada paralela, da infância à idade adulta, dos dois personagens, detendo-se mais minuciosamente na trajetória do médico. As narrativas acabam fazendo um painel da medicina numa situação de miséria dos necessitados e de insuficiência de um atendimento, ao mesmo tempo autoritário e carente, com Felipe personificando o médico e o que ele representa, e Ramão, o doente miserável.

O momento em que *Doutor Miragem* aparece em cena, primeiro semestre de 1978, é fundamental para o desenrolar dos últimos anos do regime militar que estabeleceu-se no Brasil a

partir de 1964, recrudescendo ao final de 1968, com a proclamação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que cerceava drasticamente as liberdades individuais e coletivas. Neste início de 1978, o regime já tinha perdido em muito sua força inicial e o movimento de oposição não-clandestino crescia rapidamente depois de anos de hibernação induzida. Através de atos públicos, de manifestos e da imprensa, as forças oposicionistas intensificavam a luta por liberdades democráticas, anistia e convocação de uma Assembléia Constituinte – condições básicas para a esperada abertura. As forças populares, também em processo de organização, voltaram a se manifestar através de greves e lutas por aumentos salariais e liberdades de organização: em maio e junho, mais de 100 mil operários de várias fábricas da região do ABC paulista entraram em greve, ao mesmo tempo que os trabalhadores dos canaviais pernambucanos cruzavam os braços. Em junho, o presidente Geisel anuncia o ‘cronograma da abertura’ – era o início do lento e controlado fim do regime militar. Este era, resumidamente, o contexto político do surgimento de *Doutor Miragem*.

O texto suscitou um bom número de resenhas críticas e artigos na imprensa, especialmente a porto-alegrense. A capital gaúcha durante boa parte da década de 70 teve um bom espaço para o jornalismo literário. No final de semana, era publicado o suplemento literário do *Correio do Povo*, jornal de maior circulação na época; e, semanalmente, publicava-se também o *Coojournal*, experiência de jornalismo sindical do próprio sindicato dos jornalistas local na segunda metade da década – de clara oposição ao regime militar –, que dedicava um bom número de páginas às resenhas literárias. O objeto destas resenhas – muitas delas apaixonadas, outras eruditas, quase todas ricas em idéias – eram tantos livros nacionais quanto estrangeiros, ficcionais ou não, que despertassem interesse da comunidade intelectual e acadêmica; com a produção de escritores do Rio Grande do Sul recebendo um bem medido realce. Pode-se pensar num razoavelmente intenso universo de debates culturais voltado para fora e para dentro da sua própria região. Centros culturais – como o Rio de Janeiro de finais do século XX – têm um jornalismo cultural e literário

proporcionalmente bem menor do que o de Porto Alegre dos anos 70. Nomes de intelectuais como Antonio Hohlfeldt, Donald Schöler, Flávio Loureiro Chaves, Guilhermino César, Ligia Averbuck, Luis Nilson May, Regina Zilberman e o próprio Moacyr Scliar freqüentam as páginas literárias locais, resenhando (além de muitas vezes suas obras também serem objeto de resenhas) ora ensaios estrangeiros ou nacionais, ora ficções e livros de poemas, também de variada procedência, criando uma singular babel de livros sob o olhar de uma cultura própria.

Voltando ao *Doutor Miragem*, tem-se um livro que motivou um bom número de resenhas nesta imprensa – que por sua vez até dialogam entre si – que se agregam ao texto do livro de modo suplementar. Nossa nova análise não precisa partir apenas do texto original em si, mas pode incorporar criticamente os acréscimos recebidos. Partirei então desta recepção de primeira hora para uma abordagem do *Doutor Miragem*, na qual serão problematizadas as concepções de medicina e ciência que o texto engendra.

A escritora Tânia Faillace, em resenha publicada no *Coojornal* em agosto de 1978, advoga que em *Doutor Miragem* “se Felipe é um médico e não um advogado, um executivo ou um jornalista, isso é uma questão puramente formal”¹. Mesmo concordando em parte, na medida em que o texto literário pode transcender a sua temática, pode-se contestar esta afirmação da resenhadora enfocando-se a questão do papel do intelectual, tão em debate na década de 70. Michel Foucault, em entrevista realizada em 1972, defende que a voz do intelectual perdia um caráter universalizante ou totalizante para setorizar-se dentro de sua especificidade:

*Os intelectuais se habituaram em trabalhar não no ‘universal’, no ‘exemplar’,
no ‘justo-e-verdadeiro-para-todos’, mas em setores determinados, em pontos*

¹ FAILLACE, Tânia. “Dr. Miragem: os críticos leram outro livro”. *Coojornal*. Porto Alegre, p. 30, agosto de 1978.

*precisos em que os situavam, seja suas condições de trabalho, seja suas condições de vida (a moradia, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade, as relações familiares ou sexuais). Certamente com isto ganharam uma consciência muito mais concreta e imediata das lutas. E também encontraram problemas que eram específicos, ‘não universais’, muitas vezes diferentes daqueles do proletariado ou das massas. E, no entanto, se aproximaram deles, creio que por duas razões: porque se tratava de lutas reais, materiais e cotidianas, e porque encontravam com freqüência, mas em outra forma, o mesmo adversário do proletariado, do campesinato ou das massas (as multinacionais, o aparelho jurídico e policial, a especulação imobiliária, etc.). É o que eu chamaria de intelectual ‘específico’ por oposição ao intelectual ‘universal’.*²

Esta especificidade que o discurso do intelectual adquire abre espaço para que ele trate de problemas específicos, perdendo uma universalidade primária, mas atingindo-a indiretamente através de uma radicalidade pontual. A escolha da medicina, como enfoque por parte de Moacyr Scliar em obras como *Doutor Miragem*, não é, então, algo meramente formal como afirma Tânia Faillace, mas, pelo contrário, algo de caráter vital, já que usa a própria experiência vivida do autor como espaço de investigação, sem, no entanto, esgotar-se nesta experiência. Outro resenhador habitual da obra de Scliar, Antonio Hohfeldt, afasta-se da posição de Faillace quanto ao caráter menor da escolha da medicina como tema de *Doutor Miragem*:

É aqui, enfim, que se coloca o tema de base de Doutor Miragem, que é o papel da medicina na sociedade de classes. Verificamos que aos do topo da pirâmide competirá curarem os “doentes” do centro e especialmente da base desta mesma pirâmide. Na verdade, nenhum médico estará especificamente interessado em seu doente, enquanto ser humano, mas tão-somente nas perspectivas da

² FOUCAULT, Michel. *A microfísica do Poder*; organização e tradução de Roberto Machado 14a. edição. Rio de Janeiro, Graal, 1999, p. 8-9.

*“pesquisa científica” que um caso menos comum poderá apresentar-lhe. Para a generalidade, nada mais do que um atendimento precário, concedido pelo Instituto, que garantirá o emprego de tempo disponível pelos médicos, sua catarse do sentimento de culpa (por exemplo, os médicos que ‘gratuitamente’ atendem à Santa Casa), e, enfim, um sentimento de ‘realização’ aos pobres doentes populares.*³

Pode-se ver neste trecho como Hohlfeldt identifica a investigação da medicina como temática básica do romance de Scliar. Mas o resenhador não se satisfaz em caracterizar o tema como uma universal e atemporal abordagem da medicina – contextualizando este tema dentro de uma sociedade de classes. Eis aí um tipo de análise que, hoje, às portas do século XXI, dificilmente seria feita por qualquer intérprete da obra. Mas, na recepção da obra na época de sua publicação, esta observação não é só procedente como necessária. Aí emerge a suplementariedade da obra, recortando-a dentro de um contexto político e de um caldo cultural específico. Há um diálogo historicizado entre a obra em si e sua crítica. Realmente não se pode analisar as idéias sobre medicina no livro sem levarmos em conta que ela está amarrada por uma concepção de mundo em que a divisão da sociedade em classes sociais é ponto fundamental. Sob este prisma, Felipe e Ramão não são exatamente personagens nem *Doutor Miragem* deve ser visto como um livro estritamente ligado ao realismo. Temos tipos ou protótipos encampados em ações variadas, em narrativas mescladas de verossimilhança e fantasia. Ramão e Felipe não são indivíduos – “são duas classes cujos caminhos se cruzam e recruzam, mesmo sem haver uma interdependência direta entre elas”.⁴

³ HOHLFELDT, Antônio. “Na lâmina do microscópio”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, Caderno – Livro, p. 2, 27 de maio de 1978.

⁴ FAILLACE, Tânia. “Dr. Miragem: os críticos leram outro livro”. *Coojornal*. Porto Alegre, p. 30, agosto de 1978.

Para se aprofundar uma problematização da medicina numa sociedade de classes em *Doutor Miragem* seria interessante a utilização de bibliografia de autores muito lidos e citados na época, embora alguns deles tenham deixado de polarizar as discussões hoje em dia, como Franco Basaglia e Ivan Illich – além do sempre presente Michel Foucault. Moacyr Scliar, ao abordar a medicina, tanto em ensaios como na ficção, afasta-se de uma concepção positivista da medicina, na qual existiriam certezas e procedimentos corretos, próximos da verdade, para conceber a medicina mergulhada nas redes de poder. Ao resenhar *O nascimento da clínica*, de Foucault, coloca como cerne do pensamento do francês o binômio saber e poder. O pensamento de Foucault, por um lado, desaloja os saberes ditos científicos – como a medicina – de um mundo celeste das idéias, inscrevendo-os no mundo terreno da experiência histórico-social, e, por outro, retira o poder exclusivo de responsabilidade do Estado, ampliando este conceito para torná-lo palco de toda relação social ou individual. Para Scliar a problematização da medicina por intelectuais como Foucault era fundamental:

*Qual a importância do trabalho de Foucault? Vou me reportar a uma experiência pessoal. Como estudante de medicina, aprendi muita coisa: a medir a pressão arterial, a olhar por um microscópio e identificar bactérias, a fazer uma incisão com o bisturi. Em suma, aprendi o ‘como’, mas raramente discuti o ‘quê’, a coisa, a medicina em si, o significado histórico, político, social da atividade médica. Livros como “O nascimento da clínica” trazem à baila esta questão, que interessa a todos; portanto são necessários.*⁵

Olhar para a prática profissional de modo crítico é uma das lições que Scliar toma de livros como *O nascimento da clínica* e traz para a sua própria literatura. E o papel que o médico acaba por

⁵ SCLIAR, Moacyr. “A clinica de Foucault”. *Coojornal*, p. 31, agosto de 1978.

realizar nesta sociedade de classes traz a constatação de que faz parte de um rede de poder, cujo principal foco irradiador não depende principalmente do médico, mas sim das classes detentoras do grande poder sócioeconômico. É um poder volátil; o médico detém o poder em relação ao doente, mas ocupa posição subalterna em relação aos detentores do capital. Em *Doutor Miragem*, são desenhados diversos perfis do médico – a partir de personagens realistas, mas ultrapassando em muito estes limites – conforme a posição provisória que ele ocupa nas redes de poder. Neste perfil do médico como boneco ele ocupa a posição de manipulado, verdadeira marionete (de cordéis invisíveis) dos donos do poder e, ao mesmo tempo, manipulador dos pacientes:

*A cabeça é um pequeno balão de borracha, cheio de gás, com uma cara desenhada: olhos arregalados, sorriso fixo, de grandes dentes. Está preso, o balão ao corpo, por um cordel branco que representa a medula, esta porção tão primitiva do sistema nervoso. Quanto ao corpo propriamente dito, é de madeira, e todo articulado, como o do pinóquio, quando entra um segurador, a cabeça balão afasta-se do corpo e sobe, flutuando, até a altura máxima permitida pelo cordel-medula. O diálogo do doente é feito exclusivamente com o corpo. O enfermo queixa-se de dor de barriga; a mão do boneco estende-se automática, toca-lhe o ventre. A barriga endurece: defende dos dedos, duros, frios, insensíveis, verdadeiras garras. Não são movidos por cálida curiosidade, os dedos, nem por sabedoria, nem por compreensão, nem por piedade; não podem curar, só podem machucar.*⁶

Trechos como este, em que se pode ver um papel assumido pelo médico nada lisonjeiro nas lutas no interior da sociedade pode manter um diálogo com o pensamento do psiquiatra italiano Franco Basaglia formulado, entre final dos anos 60 e início dos 70, sobre o papel “de capataz” que o técnico, no caso o médico assume no controle das classes populares:

⁶ SCLiar, Moacyr. *Doutor Miragem*. Col. L&PM Pocket. Porto Alegre, LPM, 1998, p. 152.

No entanto, a sociedade chamada do bem-estar e da abundância descobriu que não pode mostrar abertamente sua face da violência sem ocasionar no interior de si mesma o nascimento de algumas contradições demasiado evidentes, que terminarão por voltar-se contra ela. Por isso encontrou um novo sistema: estender a concessão do poder aos técnicos que o exercerão em seu nome, e continuarão criando – através de outras formas de violência: a violência técnica – novos excluídos.

O trabalho desses intermediários consistirá, pois, em mistificar a violência através da técnica, sem chegar a modificar a sua própria, de maneira que o objeto da violência se adapte à violência de que é objeto, sem chegar nunca a tomar consciência disso, nem converter-se por sua vez em sujeito da violência real contra o que o violenta. Os novos concessionários teriam por finalidade estender os limites da exclusão, descobrindo tecnicamente novas formas de desvio, consideradas até hoje como pertencentes à norma.⁷

E o trabalho destes intermediários é utilizado até a exaustão como peças que podem ser repostas facilmente, graças à abundância de peças de reposição. O médico é então utilizado neste sistema de modo inumano, transformado em máquina exigida no seu limite. E, em *Doutor Miragem*, a situação de um médico exaurido de suas forças é explorada em outro perfil, o do médico como insone, a partir do personagem do velho médico de cidade do interior, Doutor Armando:

⁷ BASAGLIA, Franco. “A instituição da violência”. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n° 35, p. 34-71, outubro/dezembro de 1973.

Não agüento mais. Na última cirurgia, seus olhos estão se fechando... Se fecham, ele se vê num campo, ao sol. Um riacho corre entre pedras. Árvores, pássaros cantando... Paisagem deliciosa.

*Um sobressalto. Suas mãos, dentro do tórax do paciente, estão mergulhadas num lago de sangue. Que estou fazendo, meu Deus? Estou dormindo! Assusta-se, pinça a artéria que sangra. Vai para casa roído de remorso: tal é o preço que se paga por um instante de paz...*⁸

Estes papéis que o médico pôde assumir na luta de classes, segundo os debates políticos-culturais do período do regime militar no Brasil, também emergem da concepção de medicalização de Ivan Illich na sociedade industrial, pensador seguidamente citado por Moacyr Scliar, inclusive na sua já mencionada resenha sobre Foucault. Para Illich, a sociedade na segunda metade do século XX vivia numa progressiva situação de medicalização, concebendo inclusive o conceito de iatrogênese, que seria a “enfermidade, impotência, angústia e doença provocadas pelo conjunto de cuidados profissionais”⁹ que pode ser observada em três diferentes níveis de medicalização, o clínico, o social e o estrutural:

Primeiro, a intervenção técnica no organismo, acima de determinado nível, retira do paciente características comumente designadas pela palavra saúde; segundo, a organização necessária para sustentar essa intervenção transforma-se em máscara de uma sociedade destrutiva, e terceiro, o aparelho biomédico do sistema industrial, ao tomar a seu cargo o indivíduo, tira-lhe todo poder de cidadão para controlar politicamente tal sistema. A medicina passa a ser uma oficina de reparos e manutenção, destinada a conservar em funcionamento o homem usado

⁸ SCLIAR, Moacyr. *Doutor Miragem*. Col. L&PM Pocket. Porto Alegre, LPM, 1998, p. 130-131.

⁹ ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. 3ª ed. Trad. de José Kosinski de Cavalcanti. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 14.

*como produto não humano. Ele próprio deve solicitar o consumo da medicina para poder continuar se fazendo explorado.*¹⁰

Em *Doutor Miragem*, é clara esta crítica à situação de medicalização. Mas, ao contrário de intelectuais como Illich, não se oferece qualquer sistema alternativo. Este livro, como grande parte da obra do escritor gaúcho, não apresenta soluções – a meu ver, não por incapacidade, mas por ser proposta do seu discurso ficcional não trazer nada pronto nem enunciar verdades acabadas. A literatura de Scliar faz denúncias e não traz soluções prontas, mas “vive sobremodo da sugestão que provoca no leitor, levando-o, de certa maneira, se não à criação ao menos à cooparticipação: é um clima o que surge da leitura, que envolve o texto como névoa e fantasia”¹¹.

¹⁰ ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. 3ª ed. Trad. de José Kosinski de Cavalcanti. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, 10.

¹¹ HOHLFELDT, Antônio. “Na lâmina do microscópio”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, Caderno – Livro, p. 2, 27 de maio de 1978.